

QUATRO PROCESSOS SINTÁCTICOS DE DESLOCAÇÃO À ESQUERDA EM PORTUGUÊS EUROPEU

LUÍSA ALVES DE FREITAS
(Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

Pretendo apresentar um estudo sobre quatro processos sintácticos de deslocação à esquerda, em Português Europeu:

- (1) Eu é que telefonei
- (2) Fui eu que telefonei
- (3) Fui eu quem telefonou
- (4) Quem telefonou fui eu

utilizando para tal o quadro da *Approche Pronominale* (Claire Blanche-Benveniste & Karel Van den Eynde) que apresenta uma análise sintáctica com base na construção do verbo. Os elementos construídos pelo verbo, que tem o estatuto de elemento construtor, constituem a sua recção. Quando são indispensáveis à construção do verbo são entendidos como elementos de valência, formando uma sub-parte da recção, quando não o são, são denominados associados. Para o estabelecimento duma tipologia dos diferentes tipos de recção verbais, a AP utiliza proformas e pronomes, o que facilita e simplifica a descrição, ao permitir reduzir uma infinidade de frases possíveis ao seu esqueleto sintáctico, com especificação dos traços morfológicos e semânticos pertinentes. Relativamente a cada função sintáctica (lugar de recção) corresponde um paradigma de pronomes — P0, P1, P2, P3¹. Na AP (Blanche-Benveniste *et alii*, 1990:55) “les différents arrangements possibles entre le verbe recteur et ses éléments régis”, isto é, os dispositivos da recção constituem representações particulares da construção verbal e são todos considerados ao mesmo nível².

Nas gramáticas de português, as quatro construções em estudo aparecem referenciadas sobretudo nas secções dedicadas às partículas ou expressões de realce e são, assim, consideradas mais como um recurso estilístico do que como

um processo sintáctico. Na Gramática da Língua Portuguesa de Mateus *et alii* (1994: 235-236), as construções (2), (3) e (4) estão integradas na secção dos processos sintácticos de marcação de foco. Assim, nesta gramática, já não se trata somente de recursos estilísticos, mas sobretudo de fenómenos gramaticais com um funcionamento próprio.

O processo sintáctico de deslocação à esquerda:

(1) Eu é que telefonei

consiste em inserir a expressão **é que** após o elemento extraído. **É que** é uma locução invariável estereotipada que não pode ser flexionada em tempo, pessoa e número. O verbo **ser** da expressão ocorre sempre na 3ª pessoa do singular no presente do indicativo. Casteleiro (1976-79:103) define a expressão **é que** como "uma unidade mínima de significação, insusceptível de segmentação. As duas formas gráficas que a compõem só têm significado em função da outra". Semanticamente **é que** enfatiza o sintagma à sua esquerda, produzindo um efeito de contraste. Com base na gramática transformacional, Casteleiro (1976-79) apresenta um estudo sobre este tipo de construção, considerando uma **Regra de Inserção de É QUE** posterior a duas regras, ordenadas do seguinte modo:

- Deslocação Y Esquerda;
- Apagamento do Pronome Sombra;
- Inserção de É QUE.

O processo sintáctico de deslocação à esquerda:

(2) Fui eu que telefonei

é uma construção clivada. Comporta as formas **ser ... que**, colocadas respectivamente à esquerda e à direita do elemento extraído. Pode-se somente extrair elementos regidos pelo verbo construtor, o que exclui os associados. Os elementos extraídos devem permitir a criação de contraste, o que afasta os elementos que indicam a totalidade, a nulidade ou a indeterminação. Na extracção, os blocos sintácticos não podem ser cindidos. O verbo **ser** concorda em tempo com o verbo construtor e ocorre geralmente na 3ª pessoa do singular³

Segundo Casteleiro (1977: 10) **que** é um pronome que substitui os elementos pronominais ou adverbiais (por exemplo: **o que, quem, a quem, de quem, quando, onde**) cuja função sintáctica e natureza semântica retomam as do elemento extraído. Deduzo, assim, que a construção:

(2) Fui eu que telefonei
está no lugar de

(3) Fui eu quem telefonou.

Não raro se encontra, nas gramáticas de Português, a construção clivada (2) como substituto menos elegante da construção (3). Eusébio de Queirós (1934: 42) considera que “dizem ‘Foi Álvares Cabral que descobriu o Brasil’ e com mais pureza se deverá dizer ‘Foi Álvares Cabral quem descobriu o Brasil’. Em vez de ‘Foram os bárbaros que invadiram o império’ deverá ser ‘Foram os bárbaros os que invadiram o império’”.

Em Cuesta & Luz (1989: 507-508) o pronome **que** apresenta-se como alternativa ao pronome **quem**:

“Foi António quem (ou que) disse que viria hoje”.

Consideram que o pronome **quem** “é muito mais frequente na linguagem literária que em linguagem familiar, onde, se o antecedente está expresso, é substituído muitas vezes por **que**”.

Penso que a construção (2) não substitui a construção (3), porque apresentam uma sintaxe diferente; o verbo construtor da construção (3) sofre alterações (comparativamente com o dispositivo directo: “Eu telefonei”). Parece-me, assim, impossível agrupar este tipo de construções, apesar da sua configuração, com as construções clivadas **ser ... que**. Não posso deixar de constatar que a construção (3) se assemelha sintaticamente com a construção pseudo-clivada (4); os elementos constituintes são os mesmos, organizados de uma forma diferente.

As autoras da Gramática da Língua Portuguesa (Mateus *et alii*, 1994: 236) consideram que as construções pseudo-clivadas, (4), partilham algumas propriedades sintácticas das construções (3) e que “é possível formular a hipótese de que sejam transformacionalmente relacionadas”.

Tais constatações levaram-me a pensar no estatuto destas construções que denomino pseudo-clivadas com anteposição.

Entendo também que o funcionamento sintáctico de **que** é diferente do de **quem**. Apesar de ambos serem pronomes, **que** tem um funcionamento de partícula porque pode ser precedido por elementos com traços semânticos distintos [+ ou - humano]⁴, como o podemos constatar nos exemplos (5a,b) e (6a,b):

(5a) Foi o Paulo que assobiou

(5b) Foi a chaleira que assobiou

(6a) Foi o Paulo quem assobiou

(6b) *Foi a chaleira quem assobiou

O morfema **que** é compatível com qualquer elemento clivado,

independentemente da sua natureza morfológica e da sua função sintáctica. O acordo entre o sujeito (P0) e o verbo construtor faz-se normalmente, quer P0 seja o elemento extraído, quer não, como em:

(7) Foi aquela canção que eles assobiaram

Brito (1991: 192) considera que a "tendência de uniformização das conjunções de subordinação e a perda de valor 'anafórico' de alguns morfemas relativos podem constituir um argumento diacrónico a favor da hipótese de, no Português actual, o 'relativo' que (nas relativas de SU e de OD), o complementador que e presumivelmente o que das construções de focalização serem um e só um morfema básico".

O exemplo (6b) mostra que o pronome quem não pode ser co-referente de a chaleira devido à incompatibilidade de sinal do traço [humano]: quem é [+humano], a chaleira é [-humano]. Esta característica de quem verifica-se também nas pseudo-clivadas; a construção:

(8) *Quem assobiou foi a chaleira

é agramatical.

No processo sintáctico de deslocação à esquerda (3) que denomino pseudo-clivada com anteposição, a escolha do "pronome" é determinada pela função sintáctica e a natureza semântica do elemento extraído, como o podemos verificar em:

(9) Foi as pessoas quem eles roubaram

(10) Foi as jóias o que eles roubaram

A construção pseudo-clivada com anteposição estabelece pontos de contacto simultaneamente com a construção clivada, porque temos o esquema SER-P0-QU-V, e, com a pseudo-clivada, porque o morfema QU-, realizado quem, viola um dos princípios da AP: a clivada é uma construção que permite transformações morfológicas apenas nos elementos extraídos, quando se estabelece um confronto entre ela e o dispositivo directo correspondente. A construção:

(11) *Foram eles quem assobiaram aquela canção

é agramatical em Português.

A pseudo-clivada com anteposição impõe, assim, para além da obrigatoriedade de um co-referente [+humano], a modificação morfológica do verbo construtor, decorrente dos traços [+singular, +3ª pessoa] internos a quem

e de uma alteração da regra de acordo P0 - verbo construtor, imposta por **quem**.

Os exemplos:

- (12a) Sou eu quem fala
- (12b) É ele quem fala
- (12c) São vocês quem fala

- (13a) Sou eu que falo
- (13b) É ele que fala
- (13c) São vocês que falam

tornam evidente que o acordo se faz, em (12a, b, c) entre **quem** e o verbo construtor, não se aplicando a regra de acordo entre P0 e o verbo construtor com grande generalidade na língua portuguesa e que se verifica nas clivadas, como em (13a, b, c).

Recorrendo, agora, ao comportamento das pseudo-clivadas:

- (14a) o/aquele que assobiou foi ele
- (14b) a/aquela que assobiou foi ela
- (14c) os/aqueles que assobiaram foram eles
- (14d) as/aquelas que assobiaram foram elas
- (14e) o/aquilo que assobiou foi a chaleira
- (14f) o/aquilo que assobiou foram as chaleiras

- (15a) quem assobiou foi ele
- (15b) quem assobiou foi ela
- (15c) quem assobiou foram eles
- (15d) quem assobiou foram elas

constato que em (14a, b, c, d, e, f) o léxico comanda a selecção do elemento não-lexical, atribuindo-lhe um traço semântico; uma vez seleccionado esse elemento não-lexical, é ele que impõe as regras morfossintácticas de acordo com o verbo.

Em Móia (1992: 120-121), este tipo de construções é tratado na secção das "orações relativas sem antecedente expresso em construções com ser identificacional". Considera que o verbo **ser** das construções:

"De quem a Maria gosta é do Paulo.

Em quem a Maria confia é no Paulo

Com quem a Maria costuma sair é com o Paulo"

tem um valor idêntico ao que ocorre nas construções:

"O Paulo é de quem a Maria gosta.

O Paulo é em quem a Maria confia.

O Paulo é com quem a Maria costuma sair."

O autor refere que estas construções “parecem requerer um estudo em separado, integrando uma análise das várias construções com o verbo *ser* e das chamadas construções de foco marcado”.

Considerando, então, que, nas construções pseudo-clivadas, o acordo se faz entre o elemento não-lexical à cabeça e o verbo construtor, e que a selecção desse elemento depende dos traços semânticos do seu correspondente lexical em posição de foco (posição final de construção), teremos alternativamente formas **Xque** (cf. (14a, b, c, d)) com o traço [+humano], analíticas, e a forma morfológica **quem**, sintéctica, marcada obrigatoriamente [+ humano] que, diferentemente de **X(que)**, não tem capacidade de flexão em género e em número (cf. (15a, b, c, d)). A forma **o/aquilo que** (cf. (14e, f)) que é marcada [+ neutro] e tem relação a léxico [-humano], diferencia-se das formas **Xque** em (14a, b, c, d) pelo sinal do traço semântico e por não apresentar uma forma supletiva sintéctica correspondente, mas, à semelhança do pronome **quem** rege um acordo [+singular, + 3ª pessoa].

Considero, então, construções como (3) e (12a, b, c) pseudo-clivadas com modificação da ordem canónica dos elementos extraídos - o léxico, precedido do verbo de relação *ser*, aparece à cabeça e o correspondente não-lexical, no segundo membro da construção-, isto é, pseudo-clivadas com anteposição, anteposição essa que é sempre possível nas pseudo-clivadas:

- (14c) Os que assobiaram foram eles
 (14g) Foram eles os que assobiaram

- (16a) O que eles assobiaram foi aquela canção
 (16b) Foi aquela canção o que eles assobiaram
 e impossível nas clivadas:

- (12a) Sou eu que falo
 (12d) *Que falo sou eu

- (5a) Foi o Paulo que assobiou
 (5c) *Que assobiou foi o Paulo

- (5b) Foi a chaleira que assobiou
 (5d) *Que assobiou foi a chaleira

Espero, finalmente, ter demonstrado que no quadro da AP, o processo de deslocação à esquerda (3) — Foi eu quem telefonou — não pode ser integrado no conjunto das construções clivadas **ser... que** — (2) Foi eu que telefonei — visto que apresenta uma estrutura morfossintáctica diferente, podendo ser posta em

relação com a estrutura das construções pseudo-clivadas, o que me levou a propor a denominação: pseudo-clivada com anteposição.

Notas

1 Segundo Blanche-Benveniste *et alii* (1987:87) "Les quatre paradigmes les plus importants se calculent grosso modo à partir du cadre suivant:

| P0 | P1 | P2 | P3 |
|---------------|-----------------|----------------|------------------|
| il - ø | le - ø | | |
| il - lui | le - lui | lui - à lui | lui - de lui |
| elle - elle | la - elle | lui - à elle | lui - d'elle |
| ils - eux | les - eux | leur - à eux | leur - d'eux |
| elles - elles | les - elles | leur - à elles | leur - d'elles |
| je - moi | me - moi | me - à moi | me - de moi |
| tu - toi | te - toi | te - à toi | te - de toi |
| on - nous | | | |
| on - ø | | | |
| nous - nous | nous - nous | nous - à nous | nous - de nous |
| vous -vous | vous - vous | vous - à vous | vous - de vous |
| c' - ça | | | |
| c' - ceci | | | |
| | se | se | se |
| | en - de ça | y - à ça | en - de ça |
| | en - de ceux-ci | y - à celui-ci | en - de celui-ci |
| | | y - là | en - de là" |

2 Dispositif direct:

Eu telefonei

Dispositif d'extraction:

Fui eu que telefonei

Dispositif pseudo-clivé:

Quem telefonou fui eu

Nenhum destes dispositivos é entendido como estando na base dos outros.

3 Caso o elemento extraído seja P0, o verbo *ser* faz concordância com ele.

4 Na AP (Blanche-Benveniste, 1990:70), "Les pronoms ont des caractéristiques sémantiques: ils marquent par exemple le trait [+ humain] ou [- humain]". As partículas ou conjunções, pelo contrário, não apresentam nenhum traço semântico distintivo, funcionam tanto para o [+ humano] como para o [- humano].

Bibliografia de Referência

BLANCHE-BENVENISTE, Claire, José DEULOFEU, Jean STEFANINI & Karel VAN DEN EYNDE. (1987). *Pronom et syntaxe. L'Approche pronominale et son application*

au français, 2ª ed. aumentada, Paris: SELAF.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire, Mireille BILGER, Christine ROUGET & Karel VAN DEN EYNDE. (1990). *Le français parlé: études grammaticales*, Paris: CNRS (Coll: "Sciences du Langage").

BRITO, Ana Maria. (1991). *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*, Porto: INIC.

CASTELEIRO, João Malaca. (1976-79). "Sintaxe e semântica das construções enfáticas com *é que*" (2ª parte), *Boletim de Filologia*, XXV, pp. 97-166.

CASTELEIRO, João Malaca. (1977b). "Aspectos das Construções Clivadas no Português Actual", a publicar in *Actas do XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas*, Rio de Janeiro.

CUESTA, Pilar Vásquez & Maria Albertina Mendes da LUZ. (1980). *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Edições 70.

CUNHA, Celso & Luís F. Lindley CINTRA. (1986). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 3ª ed., Lisboa: Edições João Sá da Costa.

MATEUS, M. Helena Mateus, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE & Isabel Hub FARIA. (1994). *Gramática da Língua Portuguesa*, 4ª ed., Lisboa: Caminho.

MÓIA, Telmo. (1992). *A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português*, dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras.

PERES João Andrade & Telmo MÓIA. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho.

QUEIRÓS, Eusébio de. (1934). *Apontamentos Gramaticais*, 2ª ed., Porto: Livraria Simões Lopes.